

Apresentação

Este número especial da revista *TEMPUS – Actas em Saúde Coletiva* nasceu como um desejo de registrar as experiências de estudantes indígenas da Universidade de Brasília, apresentadas na XI Semana Universitária (semana de Extensão), em outubro de 2011. Nessa semana foi realizado um seminário que foi um dos eventos mais concorridos na Faculdade de Ciências da Saúde da UnB.

É nesse contexto que, após considerações críticas sobre o direito à educação indígena no meio universitário (artigo de opinião de Merchán-Hamann & Sousa), apresentamos uma entrevista com o professor José Jorge de Carvalho, uma das pessoas mais importantes na implantação do sistema de cotas para afro-descendentes na UnB e de vagas para estudantes indígenas. O professor José Jorge conta a história da implantação dessas iniciativas e da participação de lideranças indígenas no processo, desde os primeiros momentos. Ele nos mostra como estamos diante de saberes ancestrais que podem representar alternativas ou complementos a modelos de pensamento que se encontram em crise na atualidade. Na entrevista também são citados dados sobre o tremendo crescimento da experiência de vagas para estudantes indígenas nas universidades brasileiras, das quais a UnB foi uma das primeiras, iniciativa esta que foi tardia em relação a outros países, alcançando porém de uma abrangência extraordinária em apenas uma década.

Após estes preâmbulos, apresentamos a experiência do projeto Vidas Paralelas Indígena PVPi (artigo de Hoeffel *et al.*),

onde se encontram inseridos os estudantes indígenas, como um espaço de discussão e de escuta respeitosa dentro da Faculdade de Saúde da UnB. Liderado pela professora Graça Luderitz Hoeffel, com o apoio de outros profissionais, docentes e estudantes de pós-graduação e graduação, o projeto PVPi surge como iniciativa de propiciar um ambiente livre para dar voz e poder a quem precisa articular soluções aos problemas decorrentes da estada no âmbito universitário quando se pertence a um outro universo sócio-cultural. Cumpre-se assim um dos propósitos da vida universitária (a extensão) e da promoção da saúde e cidadania no ambiente universitário.

Como fruto deste trabalho de grupo, trazemos a público as experiências de oito etnias representadas por 12 estudantes das Faculdades de Ciências da Saúde e Medicina. A seguir apresentamos os povos aos quais pertencem, seus nomes e cursos: (1) do povo Atikum: Edneide Maria da Silva - Nutrição, Joalice Gonçalves dos Santos – Medicina e Graciana Maria da Silva – Engenharia Florestal; (2) do povo Fulni-ô: Eva Aurélia Melo Santos - Enfermagem e Clecildo Fulniô – Nutrição; (3) do povo Tupinikim, convivendo com os Guaraní do Espírito Santo (4): Vilma Benedito de Oliveira – Enfermagem; (5) do povo Makuxi: Giovana Mandulão - Nutrição e Joicilene Mandulão - Medicina; (6) do povo Pataxó: Uelzo Alves e Cristina Santos – Enfermagem; (7) do povo Piratapuia: Evelyn Nery – Nutrição; (8) do povo Potiguara: Nadyele Targino – Medicina. Em cada relato de caso, eles contextualizam a situação geográfica, histórica e política de seus povos, abordando

algumas das principais características culturais e da sua organização, a educação dos indígenas apontando para sua inserção no espaço universitário, as formas de auto-cuidado em saúde e a organização dos serviços de saúde nos seus locais de origem. Em alguns casos os autores enfrentaram grandes dificuldades para coletar os dados necessários, mas em geral, tais experiências que compartilharam conosco representam bem a diversidade, a riqueza e as potencialidades de sua presença no meio universitário.

Apresentam-se também artigos de opinião e de relato de experiências de resistência indígena. Aqui é importante destacar a visão de três estudantes indígenas desde dentro da universidade (artigo de Silva *et al.*) em que se descrevem as dificuldades vividas por estudantes indígenas da UnB (da cidade, da relação com a FUNAI, das relações com colegas e docentes) e questões relacionadas ao mérito das vagas para cotistas. Também mostramos o relato da participação solidária de estudantes da UnB na luta contra a expulsão do santuário dos Pajés no setor Noroeste de Brasília (artigo de Silva & Crevells). Neste aspecto, pensamos que a universidade não se pode furtar da ação transformadora na sociedade que nos rodeia.

Divulgamos também uma contribuição original sobre um estudo efetuado em saúde bucal junto à comunidade indígena Uajãpi do Amapá (artigo de Souza & Ferreira). No artigo, aborda-se a complexidade da assistência em odontologia diante de processos de mudança de hábitos e de fatores de risco decorrentes da introdução de alimentos industrializados, além de questões de acesso restrito à atenção bucal.

Como contribuição útil para a educação

continuada, apresentamos uma revisão sobre a importância do advento de novos problemas metabólicos que resultam em doenças crônicas. Estes eventos eram mais raros no passado; no entanto, tal como aconteceu em outros países, as populações indígenas se encontram também em processos diversos de transição epidemiológica e demográfica, além da aculturação que proporciona novos fatores de exposição e novos agravos à saúde (artigo de Souza e Silva).

Finalmente, apresentamos a contribuição de Scopel e colaboradores, que certamente será importante como subsídio para os debates de etnomedicina e antropologia da saúde. Trabalhando junto aos Munduruku do Estado do Amazonas, os autores proporcionam exemplos de itinerários terapêuticos em que o próprio povo vem construindo a intermedicalidade, em virtude do contato com diversas crenças religiosas de diferentes matrizes histórico-culturais.

Convidamos os(as) leitores(as) para uma reflexão desarmada porém consciente. Esperamos que este número aponte para novos caminhos e soluções, e que seja também uma homenagem às primeiras nações do continente na sua luta permanente pela sobrevivência física e cultural.

Brasília, 20 de janeiro de 2012.

Edgar Merchán-Hamann
Maria de Fátima Sousa